

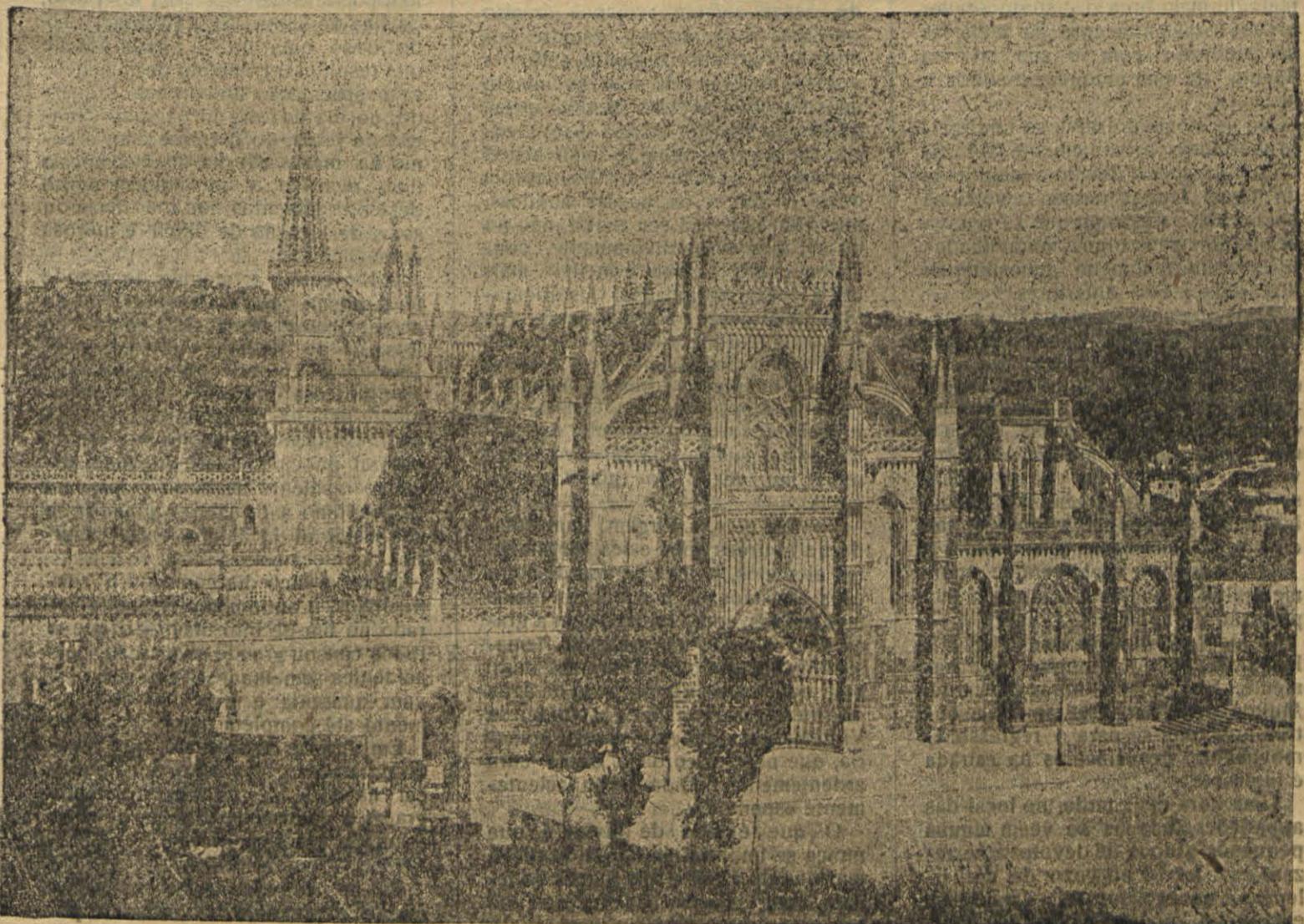


(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor  
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEFEIRA DA SILVA  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA  
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)



**MOSTEIRO DA BATALHA**

Monumento commemorativo da batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385, de que passa ámanhã o 638.º ann. venario

**13 DE JULHO**

Mais uma vez e na fórma do costume se realisou na Cova da Iria, em 13 de Julho findo, a comemoração mensal dos acontecimentos maravilhosos de Fátima. O concurso de fieis foi assás numeroso, mas, como aliás era de esperar, não attingiu as proporções extraordinarias dos grandes dias. Segundo calculos approximados, deviam ter visitado naquele dia o local das aparições três

mil pessôas. Quando chegámos ao recinto sagrado, precisamente ao meio dia solar, inumeros vehiculos estacionavam na estrada e nas suas imediações. Viam-se alguns automoveis e camions e bastantes trens de aluguer. A's dez horas e meia tinha rezado uma missa na capella commemorativa das aparições o rev. Antonio Correia Ferreira da Motta, coadjutor da freguezia das Mercês, de Lisboa. Muitas pessôas commungaram a esta primeira missa, que devia ter-se celebrado ás nove horas prefixas, co-

mo de costume, se a isso não houvesse obstado motivo de força maior. Ao meio-dia solar, annunciada pelo toque repetido de uma sineta, começa a segunda missa, que é celebrada pelo rev. José do Espirito Santo, parochico do Reguengo do Fetal. Do alto do pulpito o rev. Dr. Manuel Marques dos Santos reza o terço alternadamente com o povo, fazendo depois da elevação e da communhão as invocações habituais repetidas em côro pela assistencia. A atenção e recolhimento dos fieis são profundas.

Terminada a missa e rezadas as orações finais, canta-se o *Tantum ergo*. O officiante, recitada a ultima oração, dá a benção geral com o S. Sacramento á multidão ajoelhada.

Em seguida dá a benção particular a cada um dos enfermos presentes, que jazem dentro do recinto fechado em torno do altar. Enquanto se realisa este acto tão piedoso e commovente repetem-se as invocações e implora-se com fervor a cura dos doentes. Pouco depois uma senhora de idade avançada, gravemente enferma, é transportada para o seu carro. Seis senhoras levam aos hombros a maca em que ella está estendida numa immobilidade absoluta. Silenciosa e comovida, a multidão, cheia de respeito e compaixão, abre alas á sua passagem.

Sóbe então ao pulpito o rev. Antonio Rodrigues Conde, abade de Paramos, diocese do Porto. Durante mais de meia hora o distinto orador prende constantemente as atenções do auditorio com a sua palavra fluente, de uma eloquencia sobria e masculina.

Nesse momento ouve-se um ligeiro murmúrio promptamente sufocado pelo respeito devido á santidade do lugar. Muitas pessoas, voltadas para o sol, asseguram que se renova deante dos seus olhos maravilhados o estranho fenómeno atmospherico dos dois menses anteriores.

Após o sermão encontramos a menina Maria Amalia Canavarro, cuja cura admiravel foi pormenorisadamente relatada no numero oito da «VOZ DA FATIMA». Acompanhavam-na seus pais e irmãs. Felicita-mo-la pelo seu decimo terceiro anniversario natalicio, que ella quiz passar junto da virgem bendita, a cuja intercessão maternal atribue a sua cura verdadeiramente assombrosa.

Junto da fonte aglomera-se enorme multidão que está fazendo a sua provisão de agua.

O decimo numero da «VOZ DA FATIMA» é distribuido profusamente. São quatro horas da tarde. Muitos peregrinos retiram-se e outros preparam-se para o regresso. O movimento de vehiculos na estrada é intenso.

Uma hora mais tarde, no local das aparições, apenas se vêem alguns pequenos grupos de devotos que rezam com fervor no gozo de um silencio e socego que difficilmente se encontram quando se está em contacto com as grandes multidões, mesmo nos logares mais venerandos e mais favorecidos com as graças do Ceu.

Visconde de Montello

### Preparação para as curas

«Na presença deste brilhante conjunto de milagres, accumulados, por assim dizer, uns sobre os outros, e cuja evidencia se impõe á boa fé mais vulgar, alegremo-nos por sermos filhos da Santa Igreja Catholica, que Deus não cessa de visitar, e á qual continúa a dar o testemunho divino por excelencia, o testemunho do milagre.

Nos primeiros tempos, o milagre

era a grande prova da verdade da fé e, posto que actualmente não seja tão necessario, não é menos util á nossa intelligencia; e a experiencia demonstra o poder com que elle reanima e consola a nossa fé.

Observemos no entanto que, por mais numerosos e incessantes que sejam os milagres de Lourdes, não se deve esquecer que alli, como em todos os santuarios de Nossa Senhora, o milagre não é e não pôde ser senão a excepção.

Quem diz milagre, diz intervenção extraordinaria da omnipotencia divina nas cousas humanas. Seria, pois, ridiculo imaginar que basta beber uns golos d'agua da gruta de Lourdes, ou fazer uma novena ou mesmo ir em romaria á gruta milagrosa para ser infallivelmente livre d'uma enfermidade.

A confiança na Immaculada Conceição nunca poderá ser assaz grande, assaz completa; mas é preciso que essa confiança seja sempre dominada por um profundo amor da vontade de Deus e pela submissão mais absoluta ás vias occultas pelas quais nos dirige a Divina Providencia. Sempre, — atente bem nisto! — sempre a Mãe de Misericordia ouve e defere as nossas supplicas, mas ella, defere a seu modo, não ao nosso; attende-as divinamente, concedendo-nos o que é melhor, mais util á nossa santificação. O sofrimento é muitas vezes a graça das graças e o mais real de todos os bens. Se a Virgem Santissima nem sempre julga conveniente curar os males do nosso corpo, — não duvideis! — Ella nos alcança e nos concede as graças da resignação, da fé viva, mais uteis mil vezes do que todas as curas.

Vamos, pois, á Virgem Immaculada de Lourdes com estes sentimentos elevados, unicos dignos de corações christãos, e, porque não fomos favorecidos, como outros, com a graça dum milagre, não sejamos demasiadamente simples supondo inutil essa novena, essa applicação da agua da gruta, essa confiança no poder da Virgem, essa longa e penosa romaria, que não foi coroada d'uma cura ardentemente pedida e impacientemente esperada.

O que é fóra de duvida é que nunca se implora em vão a Santissima Mãe de Deus e que jamais poderá haver excesso em recorrer ao seu coração maternal.

Até aqui mons. de Ségur.

Como o milagre é uma intervenção extraordinaria da Providencia e Deus, fazendo-o e abrindo assim uma excepção ás leis da natureza, tem em vista um fim de ordem moral, convem que o enfermo, que o pretenda obter em seu favor, se prepare para elle, afim de ter maiores probabilidades de ser atendido. Por isso importa recomendar que os doentes que vão á Fátima ou que em suas casas imploram o auxilio de Nossa Senhora de Fátima, além de receberem os santos sacramentos da confissão e da communhão com as devidas disposições e de orarem e fazerem orar pela sua intenção as pessoas piedosas das suas relações, obtenham dos

medicos que os tratam, attestados tão completos e tão minuciosos quanto possivel, datados, e reconhecidos por um notario, para os entregarem oportunamente á commissão de inquerito.

Depois de curados deverão fazer-se observar pelos mesmos medicos e por outros que testifiquem a sua cura. Doutra fórma essas curas, por mais extraordinarias que pareçam não podem ser reconhecidas oficialmente como miraculosas, com prejuizo da gloria de Nossa Senhora e do bem das almas.

(Do opusculo «Os acontecimentos de Fátima»).

### Curas da Fátima

Julio Augusto da Barros, casado, comerciante, de 45 anos de idade, natural e residente na vila do Porto, da Ilha de Santa Maria (Açores), tendo dado uma queda desastrosa de que resultou o completo deslocamento da articulação do cotovelo esquerdo, no dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, do corrente ano, e como ha mezes não ha medico nesta ilha, recorreu a um homem perito destes tratamentos que lhe declarou ser a deslocação de difficil e morosa cura.

Aflito então e movido de grande fé, supplicou, no dia seguinte ao do acontecimento, a Nossa Senhora do Rosario de Fátima que o curasse, friccionando a parte doente com agua que lhe fóra oferecida obsequiosamente pela ex.<sup>ma</sup> senhora D. Maria da Encarnação Gama Reis Pereira, natural da cidade de Leiria e actualmente residente nesta ilha, que em Abril ultimo a trouxera, quando da sua visita ao local dos extraordinarios acontecimentos.

Neste mesmo dia começou a sentir alivios, ficando completamente curado no fim de oito dias — o que a todos causou grande admiração, pois accidentes semelhantes, em geral levam quarenta e mais dias de tratamento até completa cura!

Em virtude deste facto, que reputa miraculoso, fez voto de o publicar na *Voz da Fátima*, rendendo graças á Santissima Virgem de o ter escutado nas suas preces.

Foi-me entregue esta exposição, que é expressão da verdade e por isso a remeto.

Vila do Porto, 10 de Julho de 1923

Elpidio Pereira

Notario

D. Anna Nobre Costa da Silva, (rua das Praças 60 1.º D. — Lisboa), por ocasião da sua peregrinação á Fátima em maio ultimo declarou que vinha agradecer a N. Senhora a seguinte graça:

Ha cerca de trez annos deu uma grande pancada em um peito, provindo dahi dois caroços de tal sorte que o medico dr. Francisco d'Oliveira Luzes, temendo um cancro, mandou ir a doente a um especialista (dr. Antonio Pereira Reis) que, a experimentar, aconselhou durante oi-

to dias uns parches de agua quente pelo tempo de seis horas.

A doente nada disto fez. Tendo-se confessado e comungado começou uma novena a N. Senhora do Rosario da Fátima e tomou meia colher das de chá, d'agua da Fátima. Sentiu nesta occasião o corpo como que dormente e d'ahi a dias estava curada.

Joaquim dos Santos Camponês, de 44 annos, dos Cardosos, freguezia da Caranguejeira, declarou no dia 24 d'abril ultimo, na presença dos Rev. Piores da Barreira e das Côrtes, que sua mulher Rosaria de Jesus tivera durante três semanas um tumor em um pé e temendo ter de recorrer á intervenção cirurgica, layou, a conselho de uma vizinha, a parte doente com agua da Fátima e dentro de tres dias estava completamente curada, de que todos ficaram admiradas pois esperavam que o padecimento durasse dois ou tres mezes.

«... Sr. Director da VOZ DA FATIMA.

Reconhecidamente agradeço o favor de publicar na VOZ DA FATIMA o seguinte:

Maria do Carmo, de 30 mezes de idade, filha de Bernardino Correia e de Eugenia de Jesus — residentes em Carvalhal d'Aroeira, Concelho de Torres Novas, adoeceu no dia 12 de Julho, com um tifo, peorando dia a dia, achando-se quasi moribunda no dia 18. Os Avós, vendo sua netinha a morrer, neste mesmo dia (18) recorreram á valiosa Protecção de Nossa Senhora da Fátima a quem fizeram varias promessas, e eis que no dia 20 de manhã encontram a creança milagrosamente quasi bôa, podendo já tomar um caldo de farinha assentada na cama!

Graças ao valioso auxilio de nossa Senhora da Fátima, a creança melhorou consideravelmente, encontrando-se no dia 22 já completamente bôa embora um pouco fraquinha!

De V. etc.

Domingos Francisco

Carvalhal, 24 de Julho de 1923

## Quando se ouve blasphemar ou praguejar

Uma prática que não é nova mas que está pouco espalhada, sendo contudo muito eficaz para reparar e fazer cessar a blasphemia e pragas, consiste em fazer um acto de amor de Deus quando ouvimos na rua ou qualquer outra parte o nome de Deus proferido grosseiramente.

Um grande numero de vezes são os trabalhadores, os humildes, os que sofrem, que insultam aquele que é o seu melhor amigo. Rezemos por estes pobres cegos: ofereçamos por elles um acto de amor.

Obteremos assim dois resultados. O primeiro será reparar immediatamente por uma homenagem contraria, o ultrage feito á magestade infinita. O segundo é fazer cessar estes grandes

pecados. Tem-se notado que em certas fábricas e outros meios sem religião, as blasphemias, pragas e imprecações, diminuem desde o dia em que muitas pessoas resolveram compensar assim a injuria feita a Deus.

E' que o demonio vê que perde quando *uma só blasphemia* vai suscitar *muitos actos de amor*. Ora o demonio que é tendeiro, digo, bom negociante, não está para perder.

## As aparições de Lourdes

IV

A creança não sabia quem era aquela Senhora, mas, se tivesse uma intelligencia mais viva e penetrante, tê-lo-ia adivinhado ao reflectir nessa simples particularidade.

Com effeito Maria Santissima não podia recitar senão as ultimas palavras de todas as orações do terço e por isso não orava com Bernadette.

O *Padre Nosso* é a oração da terra ao Pae que está no Ceu; Maria Santissima não devia, pois, rezá-la, ella que já não é da terra e que já não tem nada a pedir, porque possui a plenitude da felicidade.

A *Avé-Maria* glorifica-a, não convinha portanto, que ella propria repetisse as palavras do Anjo e de Santa Izabel tão lisongeiras para si, nem tão pouco aquellas em que a Igreja a proclama Mãe de Deus e dispensadora de todas as graças «agora e na hora da morte.» Se conservava o terço «no seu braço direito,» era para animar a creança, torná-la feliz com o seu olhar que traduzia ineffavelmente uma approvação e não para dizer, ella que está no Ceu, as palavras da terra, nem para se engrandecer a si propria. Mas o seu rosto transfigurava-se no fim de cada dezena quando repetia com Bernadette o *Gloria Patri*, que é o cantico do reconhecimento e da adoração, o cantico da eternidade.

Quando acabou a recitação do terço, a Senhora tornou a entrar no interior do rochedo e a nuvem de ouro desapareceu com ella. A creança trazia consigo o terço, sem o que não teria sido objecto desse celeste favor.

Deixou-se ficar por muito tempo no logar onde tinha gozado de uma visão tão deliciosa, já não via nada e contudo olhava sempre, de joelhos com os olhos fixos na abertura escura que ainda havia pouco era tão branca, tão gloriosa. — Joanna Abbadie e Maria voltaram então, depois de terem percorrido as margens do Gave em busca de lenha, e, quando a viram de joelhos, troçaram della, dirigindo-lhe palavras desagradaveis.

Perguntaram lhe se queria acompanhá-las ou se preferia entregar-se a práticas de beata falsa. Ella tomou immediatamente uma resolução: ir ao seu encontro atravessando o ribeiro afim de não parecer que se separava dellas, embora dessa fórma corresse o risco de ter frio. Era um pensamento de caridade que a guiava.

Entrou, pois, na agua e sentiu-a «morna como a agua de lavar a louça.»

— Não havia razão para gritardes

tanto, disse ella, dirigindo-se ás suas duas companheiras, enquanto enxugava os pés; — a agua do canal não está tão fria como a julgaveis.

— E's muito feliz, responderam ellas, se não a achas fria; em nós essa agua produziu outro effeito.

Atam em feixes os ramos seccos e cavacos que tinham juntado e sóbem a rampa de Massabielle para retomarem o caminho da floresta e volta-rem á cidade.

Bernadette está toda dominada pela apparição, parece-lhe estar a vê-la de novo, não pode desviar della o seu pensamento e contudo preferia calar-se. Mas não pôde deixar de fazer esta pergunta ás companheiras:

— Não notastes nada na Gruta?

— Não, dizem ellas, mas porque nos perguntas isso?

— Por nada! accrescenta ella, affectando indifferença.

Não conseguiu, porém, dominar por muito tempo a commoção e guardar o seu dôce segredo. Antes de chegar a casa appoxima-se de sua irmã e confia-lho ao ouvido sob a promessa de não dizer nada.

Mas toda a tarde pensa na formosa Senhora, na felicidade ineffavel que experimentava em vê-la como no Ceu os santos vêem a Deus. E na verdade ella tinha sido favorecida com a graça de um extase. Depois da ceia frugal, recitou-se, como succedia todos os dias, a oração da noite em familia. Falando de Deus, rezando á Santissima Virgem, a lembrança da apparição voltou-lhe mais viva, com aquella angustia que aperta o coração ao pensarmos numa pessoa que amamos ardentemente e que acaba de nos deixar. Ella perturbou-se e poz-se a chorar.

— Que é que tu tens? perguntou-lhe a mãe. Maria respondeu em seu lugar e, como as explicações que forneceu eram incompletas, ella propria as deu minuciosamente, descrevendo a sua felicidade, como a apparição lhe tinha sorrido e feito signal para que estivesse tranquillizada e contente e com que fervor havia recitado o seu terço, de joelhos, separada della pelo pequeno ribeiro.

— São illusões, disse-lhe a mãe, por sua vez tambem inquieta e perturbada. Afasta todas essas ideias da tua cabeça e sobretudo não voltes a Massabielle.

«Nós fomos deitar-nos, contou mais tarde a vidente, mas eu não pude dormir. A figura tão bôa e tão graciosa da Senhora voltava-me sem cessar á memoria e, por mais que me lembrasse do que minha mãe tinha dito — que eram illusões, não podia crer que me tivesse enganado.»

Como podia ella illudir-se?

Não tinha julgado ver: tinha visto.

A Santissima Virgem havia-se apoderado completamente da sua alma candida e recta só com olhar para ella e fazendo um aceno de approvação com a cabeça, quando puxou pelo seu terço.

A vidente revia a incomparavel Senhora, que a contemplava quando ella rezava, sem rezar com ella, excepto ao *Gloria Patri*. Recordava-se da moita que tinha estremecido sob o pé de vento, e não pensava nem

na sarça ardente, nem no vento de Pentecostes, estando tão pouco instruída nestes mysterios, mas a imagem esplendida desta Senhora tão bela no meio da sua nuvem de ouro impunha-se á sua alma que tinha ficado immersa no deslumbramento do extase. Esta Senhora, porém, não lhe tinha dito nada. Quem era ella? Bernadette nem sequer o perguntava a si propria, toda entregue como estava á sua felicidade e convencida de que sendo tão bella, tão attraente, não podia deixar de ser absolutamente boa.

V. de M.

**Dia 13 de Outubro de 1917**

*Depois da appareição, ás 7 horas da noite, em casa da familia do Francisco e da Jacinta*

**Interrogatorio da Lucia**

— Nossa Senhora tornou a apparecer hoje na Cova da Iria?  
 — Tornou.  
 — Estava vestida como das outras vezes?  
 — Estava vestida do mesmo modo.  
 — Apareceram tambem S. José e o Menino Jesus?  
 — Apareceram.  
 — Apareceu mais alguém?  
 — Apareceu tambem Nosso Senhor abençoando o povo e a Senhora de dois naipes.  
 — Que queres dizer com isso — A Senhora de dois naipes?  
 — Apareceu a Senhora vestida como a Senhora das Dôres, mas sem espada no peito, e a senhora vestida, não sei como, mas parece-me que era a Senhora do Carmo.  
 — Vieram todos ao mesmo tempo, não é verdade?  
 — Não; primeiro vi a Senhora do Rosario, S. José e o Menino, depois a Senhora das Dôres e por fim a Senhora que me pareceu ser a Senhora do Carmo.  
 — O menino Jesus estava em pé ou ao collo de S. José?  
 — Estava ao collo de S. José.  
 — O Menino era crescido?  
 — Era pequenino.  
 — Que idade parecia ter?  
 — Era para ahí de um ano.  
 — Porque disseste que a Senhora, uma das vezes, te pareceu estar vestida como a Senhora do Carmo?  
 — Porque tinha umas cousas na mão.  
 — Apareceram por cima da carrasqueira?  
 — Não; appareceram ao pé do sol, depois de ter desaparecido a Senhora de pé da carrasqueira.  
 — Nosso Senhor estava em pé?  
 — Só o vi da cintura para cima.  
 — Quanto tempo durou a appareição na carrasqueira? O suficiente para rezar o terço?  
 — Não chegava, parece-me.  
 — E no sol as figuras que viste demoraram-se muito tempo?  
 — Pouco tempo.  
 — A Senhora disse-te quem era?  
 — Disse que era a Senhora do Rosario.  
 — Perguntaste-lhe o que queria?  
 — Perguntei.  
 — E o que disse Ella?

— Disse que se emendasse a gente, que não offendesse a Nosso Senhor, que estava muito offendido, que rezasse o terço e pedisse a Nosso Senhor perdão dos nossos peccados, que a guerra acabaria hoje e que esperássemos os nossos soldados muito breve.  
 — Disse mais alguma coisa?  
 — Disse tambem que queria que lhe fizessém uma capella na Cova da Iria.  
 — Com que dinheiro se ha-de edificar a capella?  
 — Julgo que com o que lá se juntar.  
 — Disse alguma coisa a respeito dos nossos soldados mortos na guerra?  
 — Não fallou n'elles.  
 — Disse-te que avisasses o povo para que olhasse para o sol?  
 — Não disse.  
 — Disse que queria que o povo fizesse penitencia?  
 — Disse.  
 — Empregou a palavra penitencia?  
 — Não. Disse que resassemos o terço e nos emendássemos dos nossos peccados e pedissemos perdão a Nosso Senhor, mas não falou em penitencia.  
 — Quando foi que começou o signal no sol? Foi depois da Senhora desaparecer?  
 — Foi.  
 — Viste vir a Senhora?  
 — Vi.  
 — D'onde vinha Ella?  
 — Do nascente.  
 — E das outras vezes?  
 — Das mais vezes não olhei.  
 — Viste-la ir-se embora?  
 — Vi.  
 — Para onde?  
 — Para o nascente.  
 — Como desapareceu?  
 — Pouco a pouco.  
 — O que desapareceu primeiro?  
 — Foi a cabeça. Depois o corpo.  
 A última cousa que vi foram os pés.  
 — Quando se foi embora, ia recuando ou voltou as costas ao povo?  
 — Ia com as costas voltadas para o povo.  
 — Levou muito tempo a desaparecer?  
 — Gastou pouco tempo.  
 — Estava envolvida n'algum clarão?  
 — Veio no meio de um resplendor. D'esta vez tambem cegava. De quando em vez tinha de esfregar os olhos.  
 — Nossa Senhora tornará a apparecer?  
 — Não faço conta que torne a apparecer, não me disse nada.  
 — Não tens tenção de voltar á Cova da Iria no dia 13?  
 — Não tenho.  
 — A Senhora não fará mais milagres? Não curará enfermos?  
 — Não sei.  
 — Não lhe fizeste nenhum pedido?  
 — Eu disse-lhe hoje que tinha varios pedidos a despachar e Ella disse que despachava uns, outros não.  
 — Não disse quando os despachava?  
 — Não disse.  
 — Sob que invocação queria que se fizesse a capella na Cova da Iria?

— Disse hoje que era á Senhora do Rosario.  
 Disse que queria que fôsse lá muita gente de toda a parte?  
 — Não mandou lá ir ninguem.  
 — Viste os signaes no sol?  
 — Vi. Vi-o andar á roda.  
 — Viste tambem signaes na carrasqueira?  
 — Não vi.  
 — Quando era a Senhora mais bonita, d'esta ou das outras vezes?  
 — O mesmo.  
 — Até onde lhe descia o vestido?  
 — Até mais baixo que o meio da perna.  
 — De que côr era o vestido de Nossa Senhora ao pé do sol?  
 — O manto era azul e o vestido branco.  
 — E o de nosso Senhor, de S. José e do Menino?  
 — O de S. José era encarnado e o de Nosso Senhor e do Menino penso que tambem eram encarnados.  
 — Quando foi que perguntaste á Senhora o que é que fazia para que o povo acreditasse que era Ella que te apparecia?  
 — Perguntei-lhe umas poucas de vezes; a primeira vez que perguntei cuidou que foi em Junho.  
 — Quando te disse o segredo?  
 — Parece-me que foi da segunda vez.

**Voz da Fátima**

**Despezas**

Transporte.....	3:757:820
Impressão do n.º 10....	120:000
Outras despezas.....	36:000

**Subscripção**

(Continuação)

D. Maria Amalia de Mendonça Falcão.....	10:000
P.º Antonio Correia Ferreira da Motta.....	20:000
Justiniano da Luz Fuzêia..	10:000
D. Zulmira de Jesus Silva..	10:000
Dr. João de Passos de Souza Canavarro.....	20:000
D. Maria Augusta Ribeiro..	10:000
D. Anna Frazão Telhada..	10:000
D. Teresa Leal Barros Frazão.....	10:000
P.º Antonio Luiz Carneiro da Silva.....	10:000
D. Maria dos Anjos de Matos.....	10:000
Rosaria Saldida.....	10:000
D. Maria Martins Proença Ferreira.....	10:000
D. Amélia Moraes Pires Antunes.....	10:000
Antonio de Jesus Craveiro.....	10:000
D. Maria Emilia Pires Antunes.....	10:000
P.º José Antonio de Campos.....	10:000
P.º Henrique Vieira.....	10:000
D. Maria Ignês Namorado Fernandes.....	10:000
D. Emilia de Castro Frazão.....	10:000
D. Maria José Marques Vieira.....	10:000
D. Maria Paes Moreira.....	10:000
D. Maria Magdalena de Lima e Lemos.....	10:000
D. Margarida Silva do Nascimento.....	10:000